



MARIADITA

SENEPOL

JAGUARIÚNA



Prosa sobre sucessão familiar

A sucessão familiar em empresas do agronegócio assim como para os produtores rurais, ambos ainda que de pequeno porte, é uma questão que precisa ser planejada desde o início, preparando os familiares para todas as adversidades que possam surgir no meio do caminho.

Apesar dos laços afetivos, o profissionalismo deve permanecer. Não é raro nos depararmos com conflitos familiares e grandes prejuízos quando alguns pontos são descuidados, o que coloca por água abaixo tudo o que foi construído por anos e todo o empenho que se teve a fim de buscar reconhecimento e sucesso.

Continue a leitura e saiba com proceder da melhor forma para você e sua família.

Uma empresa sólida no mercado apresenta grandes vantagens: mais visibilidade, maior autoridade e, inclusive, facilidade em processos mais burocráticos, como o de conseguir bons empréstimos financeiros. A sucessão familiar, por esses e outros motivos, pode ser o desejo de muitos empreendedores e produtores rurais. Porém, nem sempre a realidade é assim. Segundo a Pesquisa Global de Negócios Familiares da PwC, de cada 100 empresas, só 12 conseguiram chegar na 3ª geração.

Ainda que as famílias sejam unidas e bem estruturadas, é importante não negligenciar o fato de que desentendimentos possam surgir e arruinar tudo o que foi construído. O planejamento precisa ser feito desde cedo, trazendo, inclusive, discussão acerca do assunto em conversas familiares mais informais, como no momento da refeição. Os herdeiros precisam saber o que se espera deles, assim como os fundadores precisam entender se seus sucessores estão preparados e determinados a dar continuidade.

Importante ainda salientar que a escolha da atividade de gestão deve ser feita medindo quem tem mais capacidade e motivação para administrar e saber continuar transmitindo os valores do negócio para a sociedade.

Outro fator necessário é que o futuro líder tenha os mesmos interesses, objetivos e convicções a respeito da empresa, para que não surjam grandes dificuldades no futuro.

Para todos os casos, há sugestão também de ter especialistas que auxiliem o processo, como um advogado para orientar com relação as leis, contratos e outras formalidades necessárias, coachings ou cursos específicos que encaminhem na atuação de administrar e cuidar do patrimônio.

Portanto:

- faça um planejamento desde cedo, mas esteja aberto a pequenas mudanças;
- envolva a família nos interesses e nas decisões;
- seja racional e faça escolhas pensando no futuro do negócio, não apenas em afinidade;
- ensine e treine os futuros sucessores, passe sua experiência, faça reuniões, invista em cursos;
- tenha profissionais de confiança para possíveis consultas, como advogados, agricultores, contadores etc.

Segundo especialistas, é comum acontecer de ao se chegar na 3ª geração dos sucessores, haver conflitos judiciais. Isso porque alguns agregados envolvidos (como noras, genros e outros) começam a questionar o desequilíbrio com relação à partilha.

O planejamento envolvendo o aspecto mais jurídico precisa ser feito junto a um profissional especializado, e algumas prevenções podem ser:

- fazer um testamento, detalhando como será a partilha e qual a função de cada um na empresa;
- ainda em vida, o fundador pode fazer suas doações e cessões de cotas para cada herdeiro;
- investir em um seguro de vida, o que garantirá parte do dinheiro para o custo do inventário;
- conta conjunta no banco, pois o outro titular terá direito a movimentar a quantia financeira;
- holding familiar, insti-

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigadoo!!

tuto que surgiu no ordenamento jurídico, ensejando a criação de uma pessoa jurídica a fim de controlar o patrimônio da pessoa física.

Tais quesitos darão algumas vantagens, como:

- proteger-se do aumento de tributos obrigatórios e da inflação e dos demais custos;
- evitar que haja a dissolução do patrimônio após o falecimento do fundador, pelo alto valor do inventário;
- evitar problemas futuros na administração do negócio, pela demora na solução judicial;
- possibilitar a divisão justa dos bens.

Um tributo necessário para que a sucessão se dê é o ITCMD (imposto relacionado a doações e herança), cuja alíquota varia em cada Estado. Além de haver ainda as tarifas judiciais ou

administrativas, que podem ser mais altas ou complicadas quando não houver testamento ou algum tipo de documento judicial antes do falecimento do fundador.

Importante lembrar ainda que a sucessão familiar não deve ser encarada como uma simples herança, mas deve ser levada a sério, e por esse motivo, bem programada, para que o negócio continue prosperando. Não negligencie fatos que possam influenciar no futuro da empresa.

Comece hoje mesmo a colocar em prática essas dicas e em breve trarei outros aspectos sobre o tema.

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br

Pesquisa usa modelo biofísico para simular impactos das mudanças climáticas em cana-de-açúcar



Experimento em plantio de cana-de-açúcar.

Estudo de cientistas do Reino Unido, Alemanha e Brasil procurou calibrar e avaliar o modelo Joint UK Land Environment (JULES) sobre os impactos do clima na cana-de-açúcar. Para isso, informações de 11 experimentos de campo em todo o País, totalizando 25 safras, foram compiladas sob diferentes condições de clima e solo, além de dados de carbono e medições de biomassa. As simulações mostraram que as altas temperaturas diárias, superiores a 35°C, podem gerar forte impacto negativo na produtividade da cana-de-açúcar.

De acordo com o pesquisador da Embrapa Meio Ambiente Osvaldo Cabral, para avaliar o modelo em escalas espaço-temporais maiores, foram selecionadas cinco microrregiões onde a cana-de-açúcar é tradicionalmente cultivada no Brasil: duas no Sudeste (Piracicaba e Presidente Prudente), duas no Nordeste (Petrolina e Recife) e uma no Centro-Oeste (Jataí). Essa seleção foi baseada na disponibilidade de registros de produtividade na base de dados SIDRA, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para os anos de 1980-2010, além de abranger condições edafoclimáticas contrastantes para testar os modelos.

As projeções de produção para os cenários no período entre de 2070-2100 indica-

ram uma pequena tendência positiva com exceção da mesorregião de Jataí que apresentou tendência negativa. Cabral explica que a temperatura foi o principal fator para as tendências negativas observadas em Jataí e Presidente Prudente.

Temperaturas diurnas projetadas acima de 35°C diminuem a taxa de assimilação de carbono. Em Presidente Prudente, o efeito da alta temperatura só será percebido no final do século (2080-2100), enquanto que em Jataí, a média da taxa de assimilação de carbono em razão do fator temperatura começa a diminuir muito antes (2066). As simulações para Petrolina também mostraram um impacto negativo da alta temperatura a partir de 2072. Esse efeito foi amplificado pela maior concentração de CO₂ atmosférico, pois induz melhor eficiência no uso da água. Apesar do aumento das temperaturas, não foi encontrada nenhuma tendência de seca e temperatura que afetasse significativamente as simulações nas regiões de Piracicaba (SP) e Recife (PE).

Modelos bem ajustados às condições de sequeiro geralmente assumem que a capacidade fotossintética da cana começa a diminuir quando a água disponível no solo está entre 60% e 40%. No JULES, a assimilação de carbono da vegetação é reduzida linearmente com a umidade do solo, quando fica abaixo de

um limite, que foi ajustado para reproduzir uma resposta ao estresse hídrico utilizado em modelos recentemente avaliados no Brasil.

O uso de bioenergia com captura e armazenamento de carbono é considerado uma estratégia essencial de mitigação para limitar o aquecimento global abaixo de 2°C. No entanto, é necessário melhorar a representação de culturas energéticas em modelos biofísicos para entender melhor a interação entre clima e produção de bioenergia. Embora as culturas alimentares tenham modelos múltiplos e bem detalhados que fornecem avaliações robustas de impacto climático, os modelos para culturas de bioenergia ainda se encontram aquém em número de modelos e riqueza de detalhes.

As folhas e raízes da cana-de-açúcar têm uma taxa de respiração relativamente maior do que os caules; assim, espera-se que a taxa de respiração por unidade de biomassa seja maior em estágios iniciais de desenvolvimento do que no estágio de maturação, quando a biomassa do caule é o reservatório de carbono dominante. Se o desenvolvimento radicular não for limitante, a cana-de-açúcar pode resistir a veranicos moderados.

"A versão recém-calibrada do JULES pode ser aplicada para ajudar a entender as interações entre o clima e a produção de bioenergia no

presente e em cenários de mudança do clima", destaca Osvaldo Cabral. O Brasil é o maior produtor respondendo por 40% da produção global de massa fresca de colmos em 8,6 milhões de hectares, de acordo com o IBGE. "É uma cultura estratégica para a produção de bioenergia e mitigação das mudanças climáticas, onde o bioetanol e a eletricidade a partir da biomassa da cana-de-açúcar compõem uma parcela significativa da matriz energética do Brasil".

Importância da cultura para o Brasil

A mistura do etanol na gasolina, desde 2003, fez o País deixar de emitir 520 milhões de toneladas de carbono. Além disso, o bagaço da cana, queimado em termoelétricas a vapor, chega a assegurar entre 13% e 15% da energia elétrica em São Paulo, durante o inverno.

Hoje, a cana ocupa 10,1 milhões de hectares ou 1,2% do território nacional, preservando o solo e extraindo poucos nutrientes, quando comparada ao feijão, soja ou milho. Há quatro séculos planta-se cana sobre cana no Nordeste e as terras seguem produtivas. Como metade do açúcar embarcado no mundo, em 2020, partiu de portos brasileiros, o Brasil arrecadou US\$ 8,7 bilhões.

Em relação à safra brasileira de cana, o segundo levantamento da Conab para a safra 2022/23 estima uma produção de 572,9 milhões de toneladas, volume 1,02% inferior ao da safra passada e 3,9% menor que a projeção do levantamento anterior.

A queda na estimativa é decorrente da redução na área colhida e, ainda, das baixas precipitações e temperaturas registradas na região Centro-Sul do país, que impactaram negativamente o rendimento das lavouras de alguns estados dessa região. A projeção é de 8,13 milhões de hectares colhidos neste ciclo, representativos de uma queda de 2,6% em comparação com a safra passada.

Segundo a Conab, o principal motivo da perda de área colhida de cana-de-açúcar foi a concorrência oferecida pelos cultivos de soja e milho, mas a queda também é resultado das áreas de reforma que não puderam ser colhidas, dados os impactos da estiagem e das geadas ocorridas em 2021.

Diante desse cenário, as estimativas para a área de mudas e a área plantada cresceram 31,8% e 8,7%, somando, 265,7 mil hectares e 1,31 milhão de hectares.

Sorgo é capaz de reduzir custos na ração e controlar parasitos em tambaqui

Resultados de pesquisa realizada na Embrapa Amazônia Ocidental (AM) indicam que a inclusão de 40% de sorgo de baixo tanino na alimentação tornou a ração para tambaqui (*Colossoma macropomum*) mais econômica, sem comprometer o crescimento dos peixes. Esse estudo ainda mostrou que a ração com o sorgo de alto tanino propiciou significativa redução e controle dos parasitos que afetam a criação desse peixe. O objetivo da pesquisa foi reduzir os custos da ração e controlar os parasitos que afetam a criação do tambaqui, a espécie nativa mais produzida em piscicultura no Brasil.

Na avaliação das rações experimentais, os resultados com o sorgo de alto tanino indicam redução de 44% de acantocéfalos e de 83% dos monogeneas. Esses parasitos representam importantes problemas que afetam a criação e reduzem a produção na piscicultura. "Os valores obtidos na pesquisa são considerados promissores para a busca de ingredientes que associem a nutrição e sanidade de peixes, sem o uso de químicos e sem comprometer a qualidade do pescado", declara a pesquisadora Cheila Boijink, da Embrapa, que desenvolve pesquisas em sanidade de peixes e coordenou o estudo por meio do projeto "Avaliação de taninos em dietas para juvenis de tambaqui no controle de helmintos e desempenho zootécnico".

O projeto de pesquisa foi realizado de 2019 a 2021, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam). No estudo foram avaliados taninos na forma hidrolisável (ácido tânico) e condensado (sorgo de alto tanino), com o intuito de identificar se eles possuem ação anti-helmíntica e não prejudicam a aceitação e o desempenho zootécnico dos animais.

Produto natural antiparasitário

O uso de fontes vegetais na alimentação de peixes tem aumentado nos últimos anos, a fim de atender à demanda por rações e sustentar o desenvolvimento da produção aquícola. Uma das alternativas é o uso de compostos derivados de plantas, devido ao pouco ou nenhum efeito colateral nos peixes e ao meio ambiente e que é uma prática agrícola mais sustentável. Os produtos naturais, com conhecida propriedade antiparasitária, são considerados uma alternativa potencial, e entre esses compostos está o tanino, presente em várias plantas como o sorgo.

De acordo com Boijink, os resultados obtidos mostram que os taninos são eficientes para o controle de helmintos, podendo ser utilizados na ração como um ingrediente alternativo natural, sem prejudicar o desempenho animal. Essa linha de pesquisa já vem sendo desenvolvida pelos pesquisadores da Embrapa Amazônia Ocidental, os quais anteriormente comprovaram que outra fonte de tanino, os resíduos da bananeira, também é eficiente no controle de helmintos em tambaqui.

Em busca de ingredientes alternativos

Como a alimentação dos peixes na piscicultura corresponde a cerca de 70% dos custos totais de produção, pesquisas da Embrapa Amazônia Ocidental têm buscado alternativas com base na avaliação

de ingredientes não convencionais no estado do Amazonas que possam reduzir o custo da ração para o tambaqui. "Com uma alimentação mais econômica, ao fim do ciclo, os custos serão inferiores aos de uma produção com o uso de rações convencionais que utilizam como base o farelo de soja e o milho, commodities que possuem alta oscilação de valor no mercado internacional. Além disso, o Amazonas obtém parte significativa de ingredientes e rações dos estados vizinhos, o que onera ainda mais o piscicultor amazonense, que paga pelo custo logístico desta obtenção", explica o pesquisador Jony Dairiki, da Embrapa, que atua em Nutrição e Alimentação de espécies aquícolas da Amazônia, e participou da pesquisa.

Dairiki observa que o sorgo (*Sorghum bicolor*) é um ingrediente energético de origem vegetal, com composição semelhante ao milho, porém, é um alimento com menor custo de produção se comparado ao milho. Por isso, o sorgo foi escolhido para avaliação como uma opção de matéria-prima, considerando que o custo da ração poderia ser menor com a maior inclusão de sorgo na dieta dos peixes.

O pesquisador informa que o sorgo se destaca pela sua rusticidade, possibilidade de cultivo na entressafra e em solos mais pobres em fertilidade e com déficit hídrico. A planta de sorgo produz grãos e matéria seca para composição de forragem que contribuem na alimentação animal, e o tanino é uma substância química natural do grão de sorgo.

A pesquisa identificou que a utilização de sorgo de baixo tanino para nutrição de juvenis de tambaqui em substituição ao milho propiciou uma redução de 27,4% no custo da alimentação quando o nível de inclusão desse ingrediente foi de 40%.

Outro dado importante é que o sorgo de alto tanino pode ser utilizado em dietas para tambaquis em até 45% de inclusão na formulação, sem nenhum efeito adverso ao desempenho animal, em um período de até 45 dias. Os pesquisadores acrescentam que estudos posteriores com animais para engorda e com maior período experimental precisam ser realizados para complementaridade da pesquisa, além da importante validação em pisciculturas locais.

Parasitos causam prejuízos econômicos na criação de tambaqui

Especializada em sanidade de peixes, Boijink explica a diferença entre monogeneas e acantocéfalos e como eles afetam o tambaqui. "É importante salientar que, apesar de haver uma transmissão desses parasitos entre os peixes infestados, essas parasitoses não impõem qualquer risco à saúde humana", esclarece.

Os monogeneas são ectoparasitas (parasitos externos) que se fixam principalmente nas brânquias e podem provocar uma hipersecreção de muco que prejudica a respiração dos animais. Por possuírem um ciclo de vida direto e curto, as reinfecções podem ser rotineiras nos tanques de piscicultura.

Grandes infestações ocasionam alta produção de muco, destruição do epitélio branquial e ruptura de capilares sanguíneos, causando dificuldades respiratórias, sinal que pode ser confundido com o

comportamento do peixe em baixas concentrações de oxigênio na água. Os peixes podem apresentar perda de peso e as lesões também se tornam porta de entrada para infecções secundárias de bactérias e fungos.

Já os acantocéfalos são endoparasitas (parasitos internos) e se fixam na parede intestinal. Os efeitos do parasitismo na produção de tambaqui dependem da intensidade da infestação e do estado fisiológico e nutricional dos animais. Grandes infestações podem resultar em necroses e ulcerações no epitélio intestinal, prejudicando a absorção de nutrientes; consequentemente, os animais apresentam perda de peso e se tornam mais susceptíveis ao manejo, aos parasitos e patógenos e a qualquer alteração na qualidade da água. A consequência é o atraso no crescimento, redução no desempenho zootécnico e alguns animais mais debilitados podem morrer, o que acarreta perdas econômicas.

Tratamento

Para ambos os parasitos, monogeneas ou acantocéfalos, o tratamento pode ser profilático ou terapêutico, conforme Boijink. O ideal são os tratamentos profiláticos, que adotam um conjunto de precauções para evitar a doença. Porém, devido a vários fatores, muitas vezes acabam ocorrendo infestações, que requerem terapias com o uso de substâncias químicas, que podem gerar deposição de resíduos na natureza. "O uso constante desses químicos pode

levar à redução da eficácia causada pela resistência desenvolvida no parasita e, muitas vezes, eles são onerosos", explica.

Em função de efeitos colaterais indesejados causados pelos quimioterápicos, tais como redução da eficácia causada pela resistência desenvolvida no parasita, riscos de intoxicação aos consumidores e a poluição nos mananciais de água, o uso de fitoterápicos tem sido uma alternativa viável para o controle dos parasitos.

Prevenção

Segundo os pesquisadores, para prevenir esses problemas na piscicultura é recomendável adotar boas práticas como adquirir alevinos de qualidade, realizar quarentena, monitorar a qualidade da água, fornecer ração de qualidade em quantidades adequadas e usar equipamentos adequados e higienizados.

Outro indicativo que ajuda a detectar possíveis problemas ainda no início é a observação rotineira da resposta alimentar, pois a redução no consumo de alimento é a primeira resposta dos peixes a uma condição de estresse, podendo ser motivada pela inadequada qualidade de água ou início de uma doença. Também é necessário observar a presença de alterações no comportamento ou sinais clínicos externos, tais como coloração anormal, excessiva produção de muco, entre outros, como formas de identificação dos problemas numa fase inicial, o que facilita o tratamento dos animais.



DICAS DO MUNDO PET

Depressão em cachorro: uma realidade ou apenas moda?



A palavra depressão é cada vez mais usada como sinônimo de tristeza em humanos. Mas será que essa doença também aflige os animais? Será que existe depressão em cachorro?

Durante anos, falar sobre saúde mental era um tabu. Não existia depressão, apenas preguiça ou má vontade. Uma pessoa com depressão ou qualquer outra doença psiquiátrica era ridicularizada pela sociedade. Acreditava-se que era falta de Deus ou mesmo desculpa para não seguir a vida.

Com o avanço da ciência e da divulgação sobre as doenças, muitas pessoas puderam compreender a motivação dos seus problemas emocionais e buscar um tratamento efetivo. Mas caímos em outro extremo. Qualquer tristeza, luto, introspecção, desânimo,

mau humor é taxada de alguma doença e prescrito remédio.

Com os cães não é diferente. Nunca viu-se tanto cachorro com prescrição de fluoxetina (um anti-depressivo). Assim como em humanos, remédio não é a solução. Mesmo para questões emocionais ou psiquiátricas. No caso dos cães, é necessária uma combinação de enriquecimento ambiental, check-up para avaliação de dor, alimentação adequada, exercícios físicos, interação saudável com todos da família e medicação. De nada adianta lotar o cachorro de remédio, se ele não passear todos os dias, por exemplo.

Saúde mental é um assunto sério e que deve ser debatido abertamente. Mas não podemos deixar a moda levar nosso pensamento direto somente

para a medicamentação. É se eximir do papel de tutor, colocando toda responsabilidade no próprio cão.

Existe depressão em cachorro?

Aí é onde começa a polêmica. Na minha humilde opinião, não há depressão em cães. O conceito de depressão em humanos é algo bastante abrangente. Pode ser caracterizado por uma tristeza profunda, que leva a pessoa a não se interessar por nada e ver o mundo de forma cinzenta, sem a graça ou alegria das cores. Em muitos dos casos, há uma vontade de morrer ou um medo profundo da morte.

Os cães não têm estrutura cognitiva suficiente para tamanha concepção de morte, vida, futuro etc. Pode acontecer, sim, do cão ficar muito triste

com uma perda ou mudança brusca, por exemplo. Mas um bom manejo ambiental, com passeios diários, enriquecimento ambiental, mordedores e brincadeiras podem tirar o animal desse quadro letárgico. Isso se não houver dor ou alguma queixa fisiológica envolvida.

Meu cachorro é ansioso. E agora?

A ansiedade, assim como a depressão em cachorro, se tornou usual e mal-empregada. Muitos usam a palavra ansiedade como descrição para cães agitados. Aí que meu coração começa a bater acelerado. Ansiedade é uma doença, que deve ser tratada com o médico-veterinário especialista em etologia clínica. Mais uma vez, a solução não é apenas medicação, mas todos um manejo ambiental, treinos, enriquecimento, passeios etc.

Se seu cachorro é agitado, loucão mesmo, ele só tem muito energia. Isso não tem relação com ansiedade. Pode ser apenas falta do que fazer ou atividades que estimulam pouco o animal.

A ansiedade patológica é aquela que vemos o cão a beira de um ataque de pânico. A angústia é tamanha que ele não conhece exercer nenhum outro comportamento, como comer, brincar, buscar carinho. Ele está tão nervoso que começa a executar comportamentos que não fazem sentido para aquele momento. Latir e chorar, quando sozinho, é um exemplo. Se tremer e se esconder ao ouvir vento, chuva, trovão ou fogos de artifício, é outro. Se esse é o caso do seu cachorro, busque ajuda! Ele está em sofrimento.

Ansiedade não é euforia de querer que algo aconteça, mas a angústia ou incerteza do que acontecerá no momento seguinte.

Cães podem sofrer mesmo quando nós julgamos que não. Percebeu algum comportamento diferente, busque o médico-veterinário ou o especialista em comportamento. Não permita que seu cachorro fique angustiado sem que nada seja feito. E nosso dever enquanto tutor oferecer uma vida mais feliz para os nossos peludos.

Saúde emocional em gatos: o que devemos saber?

Gatos são considerados animais estoicos, ou seja, eles tendem a esconder as suas emoções e fraquezas, justamente para não atrair predadores e, assim, preservar a sua vida.

A maioria dos comportamentos que os gatos têm servem para proteção, melhor adaptação no território, busca de conforto e, principalmente, para manutenção da sua saúde e bem-estar. Assim como os seres humanos, os felinos também sentem emoções negativas como medo, tristeza, desamparo e frustração. E eles também podem apresentar doenças como depressão e ansiedade.

Mas como saber se meu gato está com algum problema emocional?

É por meio de mudanças comportamentais que os gatos demonstram que alguma coisa não vai bem. Por essa razão, saber observar esses sinais (que podem se iniciar com mudanças nos seus sinais corporais) é de extrema importância. Doenças consideradas "clínicas", como as respiratórias, digestivas, cardíacas, endócrinas etc., e as doenças emocionais (que estão mais ligadas às regiões do cérebro), podem gerar mudanças nesse comportamento.

Um gato com problema emocional pode ter sinais clínicos como:

- Vômitos
- Diarreia
- Acne felina
- Falta ou aumento no apetite
- Sangue na urina
- Queda de pelo

E também pode apresentar sinais

comportamentais como:

1- Xixi e cocô fora da caixa
Fazer xixi fora da caixa não é normal na vida de um felino. Gatos são animais extremamente higiênicos e esse comportamento pode significar desde pequenos problemas de limpeza com a caixa de areia, até problemas mais graves de saúde como doença renal, urinária, diabetes etc. Conflitos com outros gatos, ansiedade, medo, frustração e estresse crônico também podem levar a esse quadro.

2- Agressividade

Estar constantemente agressivo com humanos e com outros animais não é um comportamento natural dos gatos. A agressividade pode ocorrer por vários motivos, entre eles:

- Dor
- Medo
- Ansiedade
- Estresse crônico
- Depressão
- Falta de brincadeiras e atividades

3- Lamber excessiva

Lamber é um comportamento natural para os gatos, eles executam essa tarefa diariamente. No entanto, lambeduras em excesso podem indicar a presença de parasitas, bactérias, problemas alérgicos, entre outros.

Mas também pode sugerir que alguma coisa não está legal com a saúde emocional do seu felino. Caso o seu gatinho esteja lambendo demais alguma parte do seu corpo, procure um médico-veterinário ime-



diatamente.

4- Comer coisas que não é alimento

Gatos gostam e precisam caçar/brincar diariamente. Comer algumas plantinhas, destruir alguns brinquedos e até objetos (como uma caixa de papelão, por exemplo) são comportamentos até considerados saudáveis para eles. Comer coisas como cabo de celular, sacola plástica, tecidos e outros objetos não é normal. Se o gato tem esse problema, faça uma minuciosa investigação, pois ele pode estar com alguma doença clínica e/ou emocional.

E o que eu devo fazer se o meu gato apresentar algum problema emocional?

Primeiramente, você deve manter a calma e procurar um médico-veterinário especializado em felinos, para que uma boa avaliação clínica seja realizada, assim como os exames adicionais (sangue, urina, pele, ultrassonografia etc).

Se nenhuma doença clínica for

diagnosticada, então o problema do seu gatinho pode ser exclusivamente comportamental. Identificar o(s) gatinho(s) que levam a esse problema é o principal passo a ser dado.

E o que pode gerar um problema emocional no meu gato?

- Falta de uma rotina de brincadeiras
- Imprevisibilidade no seu ambiente
- Mudanças drásticas na rotina da casa
- Mudanças na composição familiar
- Ambientes muito agitados
- Ambientes muito monótonos

Assim como os seres humanos, os gatos também precisam ter uma vida equilibrada para que eles sejam saudáveis e não apresentem problemas emocionais. E proporcionar um ambiente feliz é o nosso papel como tutor. Como eu sempre falo para os meus clientes e alunos: "gato feliz, tutor feliz e médico-veterinário feliz!"